

# OS NASCIDOS EM S. JOÃO DO PICO ENTRE 1930 E 1959 GERAÇÕES DE IMPACTO<sup>1</sup>

MARIA NORBERTA AMORIM

Amorim, M. N. (2007), Os nascidos em S. João do Pico entre 1930 e 1959. Gerações de impacto. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 16: 137-151.

**Sumário:** Foram protagonistas das mais significativas alterações do século XX as gerações nascidas entre 1930 e 1959, gerações de transição para os novos comportamentos de *modernidade*. Dos nascidos em S. João do Pico, pouco mais de 30% dos indivíduos dessas gerações, que sobreviveram à adolescência, foram profissionalmente activos na freguesia. A procura de uma *vida melhor*, através do acesso ao ensino secundário ou superior, e a emigração para os Estados Unidos e o Canadá, foram as soluções perseguidas. Hoje, em férias ou no regresso definitivo, essas gerações saboreiam a beleza natural e a nova qualidade de vida de um moderno S. João, sem enjair as lembranças do seu passado difícil.

Amorim, M. N. (2007), The natives of S. João do Pico between 1930 and 1959. Impact generations. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 16: 135-151.

**Summary:** The generations born between 1930 and 1959 were the main characters of the most significant changes of the XX century, being shifting generations to the new behaviour of *Modernity*. Little more than 30% of the individuals belonging to those generations who were born in S. João do Pico and survived adolescence were professionally active in the parish. The quest for a *better life* through secondary or college studies and the emigration to the United States of America and Canada were the chosen paths. Today, these generations taste the natural beauty and the new quality of life of a modern S. João, not forsaking the memories of their harsh past, while on holidays or even on a definite return.

Maria Norberta Amorim – Núcleo de Estudos de População e Sociedade. Universidade do Minho. Instituto de Ciências Sociais. Campus de Azurém, 4800-058 Guimarães.

**Palavras-chave:** Açores, ilha do Pico, Gerações 1930-1959, Escolaridade, Emigração.

**Key-words:** Azores, Pico island, Generations 1930-1959, schoolarity, emigration.

---

<sup>1</sup> Agradecemos aos nossos informantes. Agradecemos especialmente a Cisaltina Martins a colaboração no trabalho de campo.

## INTRODUÇÃO

Na razão directa dos movimentos da emigração, o perfil demográfico da ilha do Pico foi sofrendo sucessivas alterações atípicas ao longo de uma história que podemos acompanhar mais de perto entre os finais do século XVII e o presente.

Foram protagonistas das mais significativas alterações do século XX as gerações nascidas entre 1930 e 1959, gerações de transição para os novos comportamentos de *modernidade*, considerada esta nos seus múltiplos aspectos, demográficos, económicos, sociais ou culturais.

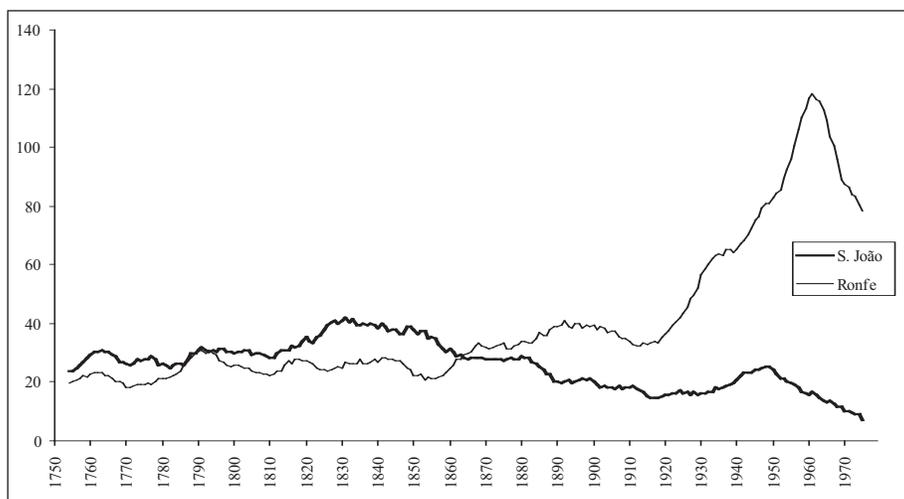
Reflectindo-se em toda a ilha o mesmo tipo de comportamento, escolhemos a freguesia em que nascemos, a freguesia de S. João, para uma mais cómoda abordagem dessas gerações de impacto.

*Comparação entre S. João e Ronfe (Guimarães)*

Para se avaliar do comportamento atípico do perfil demográfico da freguesia de S. João comparamos a evolução dos baptizados da referida freguesia picoense com outra freguesia do

GRÁFICO I

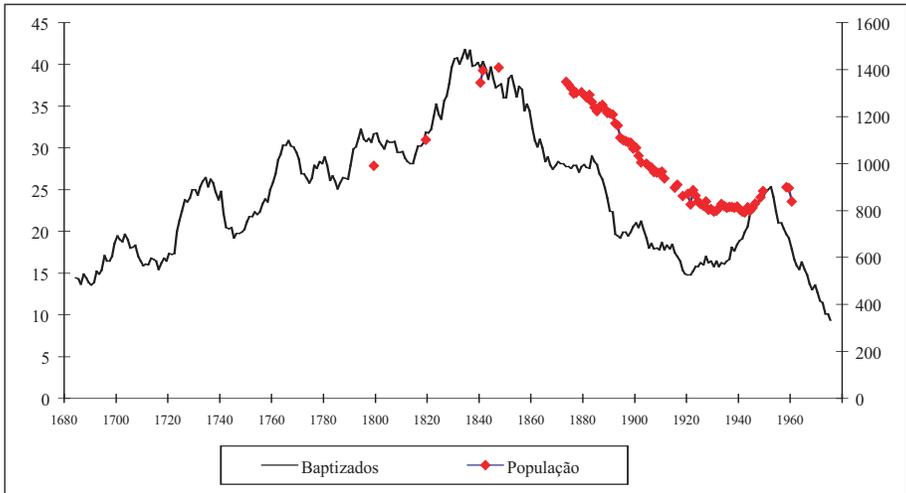
MOVIMENTO DE BAPTIZADOS (1750-1980)  
(COMPARAÇÃO ENTRE S. JOÃO DO PICO E RONFE – GUIMARÃES)



Norte do País, a freguesia de Ronfe, do concelho de Guimarães, para o período de 1750-1980 (GRÁFICO I). Como se verifica, partindo-se de níveis próximos de volume de baptizados para os finais do século XVIII, S. João, até meados do século XIX, cresce mais do que Ronfe, para depois se inverterm vincadamente as situações, particularmente no que respeita à primeira metade do século XX.

Se em 1960 a freguesia de Ronfe multiplicava por seis o volume de baptizados de duzentos anos antes, em S. João, em contraste, os níveis de 1750 não eram, naquela data, atingidos. Embora se tenha de considerar que a contraceção foi mais precoce no Pico do que no Baixo Minho, o seu efeito redutor não explica os contrastes verificados.

GRÁFICO II  
S. JOÃO  
MOVIMENTO DE BAPTIZADOS (MÉDIAS MÓVEIS DE 9 ANOS) E POPULAÇÃO



### Ritmos evolutivos da população

Beneficiando para S. João de registos de baptizados com carácter de sistematicidade após 1680 e beneficiando

de uma série de róis de confessados a partir de 1799, dispoñdo-se ainda dos censos gerais, perspectivámos os ritmos evolutivos da população ao longo de três séculos.

GRÁFICO III  
S. JOÃO – ESTRUTURA DA POPULAÇÃO EM 1819

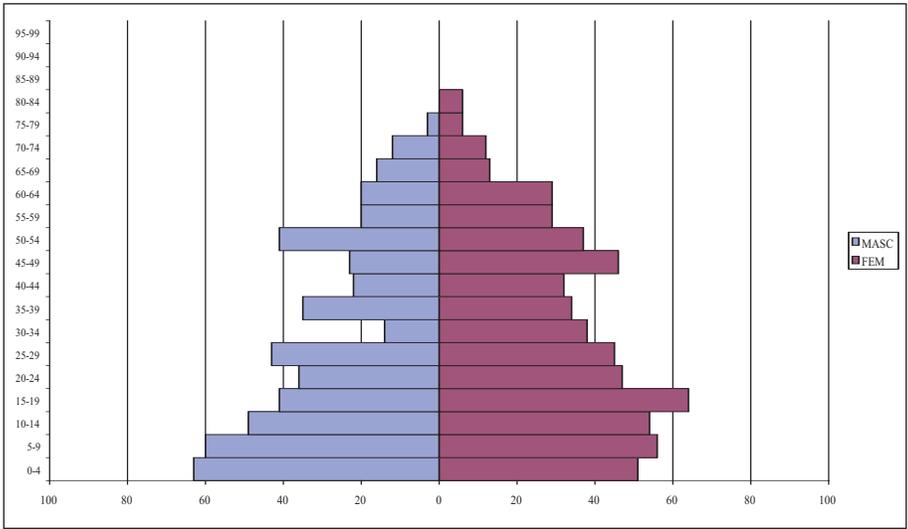


GRÁFICO IV  
S. JOÃO – ESTRUTURA DA POPULAÇÃO EM 1847

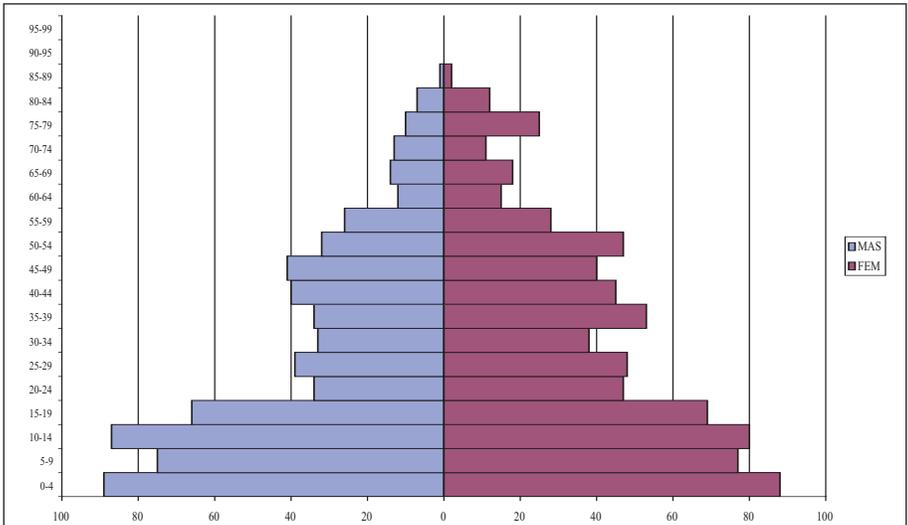


GRÁFICO V  
S. JOÃO – ESTRUTURA DA POPULAÇÃO EM 1899

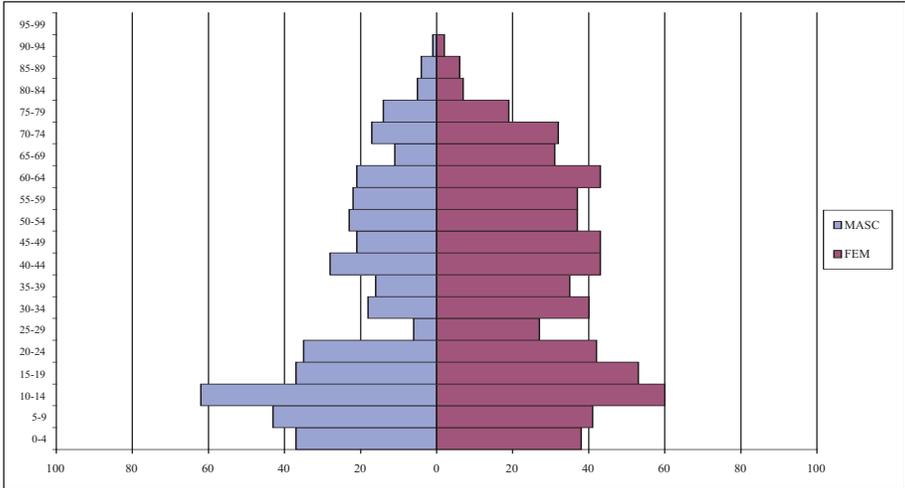


GRÁFICO VI  
S. JOÃO – ESTRUTURA DA POPULAÇÃO EM 1920

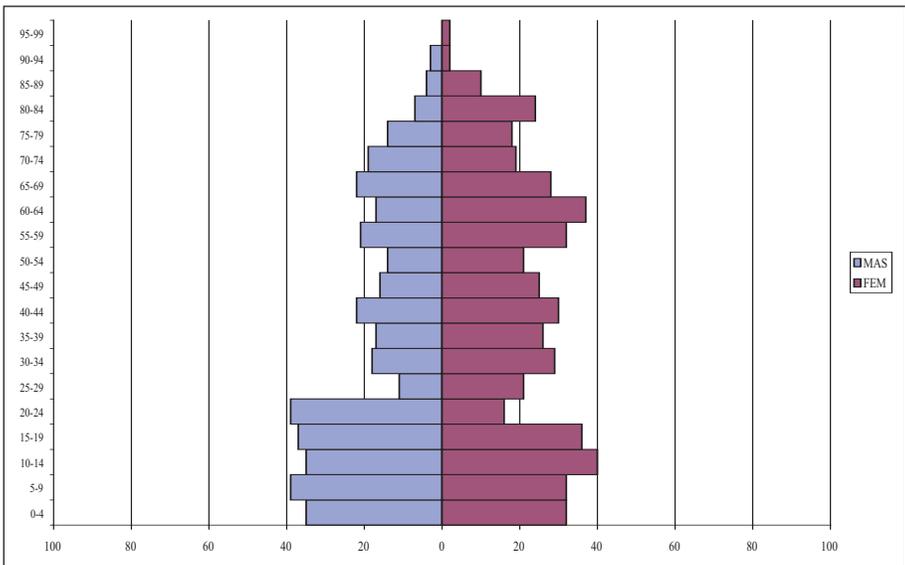
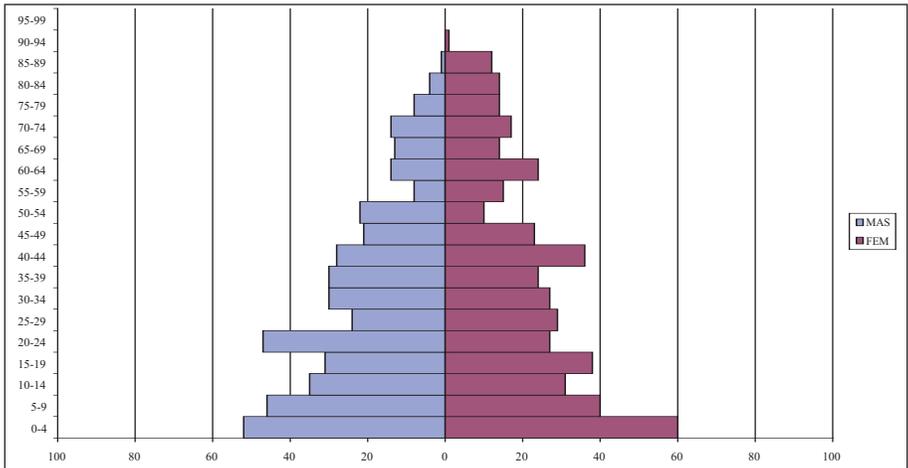


GRÁFICO VII  
S. JOÃO – ESTRUTURA DA POPULAÇÃO EM 1950



Até aos anos quarenta do século XIX a freguesia foi crescendo, embora com oscilações (GRÁFICO II). Uma primeira quebra de crescimento coincide com a crise vulcânica de 1718/1720, podemos localizar uma outra em meados do século XVIII, depois nos anos setenta e noventa do mesmo século, e ainda na segunda década do século XIX. As três décadas seguintes deste último século são de acelerado crescimento.

Toda a segunda metade do século XIX e as primeiras duas décadas do

século XX são de regressão, sustida a seguir. Nos anos quarenta e parte dos anos cinquenta do século passado o número de nascimentos aumenta com algum significado, mas logo nos finais dos anos cinquenta volta a afirmar-se a tendência regressiva<sup>2</sup>.

A estrutura da população em diferentes momentos elucidam-nos sobre as afecções sofridas pela freguesia em consequência dos movimentos migratórios.

Comparando a pirâmide de idades para o ano de 1819 (GRÁFICO III),

<sup>2</sup> Interessante verificar no GRÁFICO II, na fase regressiva, o comportamento evolutivo das duas curvas, baptizados e população. A curva da população corre desfasada da curva dos baptizados, normalizando a tendência de descida daquela. Subindo o volume de

baptizados, as duas curvas correm para uma aproximação, demarcando-se novamente quando se retoma a descida. Os movimentos migratórios e as profundas alterações que provocaram na estrutura da população serão chamados a dar uma explicação para esse efeito.

ainda em tempo do Brasil colonial, com a pirâmide de 1847 (GRÁFICO IV), após quase três décadas de restrições nas saídas, as diferenças são salientes. Aumentou significativamente a percentagem dos mais jovens, passando o peso dos indivíduos com menos de 15 anos de 30% para 36%, enquanto a relação de masculinidade passava de 83 homens em 100 mulheres para 88 em 100.

Em 1899, passado meio século sobre o período em que a população atingiu o seu máximo histórico, com a reorganização dos movimentos de saída, o quadro era bem diferente (GRÁFICO V). O número de indivíduos com menos de 15 anos passava para 27%, enquanto o peso dos indivíduos com 65 ou mais anos, que na primeira

metade do século não ultrapassavam os 8%, se posicionavam já nos 14%, com relações de masculinidade da ordem dos 67 homens em 100 mulheres. Em 1920 as relações de masculinidade encontravam-se mais reequilibradas como consequência da emigração familiar, passando para 81 homens em 100 mulheres, mas a proporção de velhos aumentara para 20%, e a dos jovens reduzira para 24%, numa aparente situação de modernidade (GRÁFICO VI).

No entanto, em 1950 (GRÁFICO VII), após trinta anos de corte nas saídas emigratórias, a população reequilibrava-se, alargando a base da pirâmide, apesar dos efeitos do controlo de natalidade (AMORIM, 1992: 157).

#### AS GERAÇÕES NASCIDAS ENTRE 1930 E 1959

A nossa incidência será sobre as gerações que nasceram nesses anos de contracção de emigração, para virem depois a ser afectadas em idade jovem pela mais significativa mudança que se conhece da freguesia.

Nas três décadas consideradas o movimento de baptizados não foi uniforme (GRÁFICO VII). A média de nascimentos na década de 1930 foi de 16,2, na de 1940 foi de 21,5, e na de 1950 foi de 23,4. O ano do século XX em que mais crianças nasceram em S. João, foi o ano de 1950, com 31

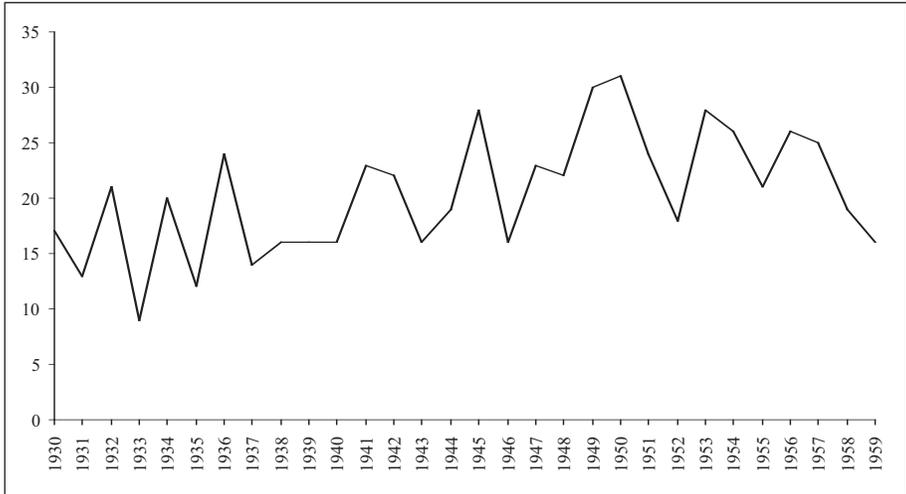
nascimentos, mais um nascimento do que no ano anterior, não havendo outros anos em que se atingissem as três dezenas.

Qualquer dos sobreviventes nascidos na freguesia nessas três décadas guarda ainda na memória um duro quotidiano, embora já algo adoçado pela influência de emigrantes retornados do Brasil ou dos Estados Unidos entre os finais do século XIX e inícios do XX.

A necessidade de extrair de uma terra pedregosa o sustento diário de uma

GRÁFICO VIII

S. JOÃO – MOVIMENTO DE BAPTIZADOS ENTRE 1930 E 1959



população que se reproduzia saudavelmente, era um desafio constante que pouca margem deixava ao luxo. No entanto, viver em casas mais confortáveis aparecia como uma nova exigência para aqueles que regressavam com algum poder de compra. As casas novas que então se construíram tinham mais compartimentos e compartimentos mais espaçosos, eram mais altas, de janelas mais rasgadas, com cozinhas integradas, segundo modelos da época. Mas as casas novas foram poucas e a opção mais corrente foi fazer algumas alterações à casa tradicional. Esta era composta quase sempre por dois corpos separados e em diferentes níveis, a cozinha térrea e a casa propriamente dita, de

alto e baixo, com uma loja, para armazenagem de recursos alimentares e local de trabalho, e um andar superior com um ou dois quartos e uma sala de visitas, o compartimento maior ao qual se acedia directamente de um balcão. A solução encontrada foi altear o chão da cozinha para o nível do sobrado da casa, entulhando-lhe a base para poder suportar o peso das pedras do forno e do lar e construir um outro balcão exterior de acesso. Depois, ligar a cozinha à casa, prolongando esta com um compartimento intermédio, a servir de sala de jantar, mas desfasando o telhado da cozinha, colocando-o mais alto, para deixar sair o fumo pela telha vã, na ausência de chaminé. Algum mobiliá-

rio foi encomendado a marceneiros locais ou mesmo importado, principalmente camas de madeira e cómodas, a completar o mobiliário tradicional de *barras* de ferro e caixas de madeira para os quartos, foram adquiridas cadeiras e uma mesa redonda para a sala de visitas, um armário e mesa para a sala de jantar, estes a complementar o rústico mobiliário da cozinha.

Também datam dos finais do século XIX os primeiros *tanques* de cimento para recolha directa da água das chuvas, mas esse luxo não se generalizou. Com apenas uma ribeira num dos seus extremos, a freguesia dependia anteriormente da água dos poços de maré e de alguns talhões de barro para onde escorria água dos beirais das casas. As mulheres nascidas antes de 1960 ainda assistiram ou protagonizaram a ida frequente aos poços de maré com um pote à cabeça, ou o pedido de *água para café* às vizinhas favorecidas com tanque.

Embora no botequim se vendessem chitas, cotins ou casimiras, eram poucos aqueles que os podiam comprar. A vinda de *sacas da América* com roupas usadas era ansiosamente esperada e quase todas as famílias beneficiavam delas. As mulheres alimentavam o contacto com os familiares emigrados através de cartas e de objectos de artesanato, principalmente rendas feitas por suas mãos. Quando

passava a camioneta de carreira e trazia no tejadilho grandes sacas listadas com encomendas, se havia notícia de que uma saca estava para chegar criava-se uma expectativa enorme na família. Se o aviso de encomenda chegava, pedia-se logo a algum rapaz com bicicleta que percorresse rapidamente os 9 ou 10 kms que levavam às Lajes com a esperança de, no retorno, abrir a saca e encontrar uma peça de roupa ou mesmo uns sapatos adequados. Costureiras locais adaptavam depois a roupa ao corpo para o qual a peça, por consenso, tinha sido destinada, introduzindo-lhe alguns modificações que estivessem mais de acordo com os figurinos que chegavam à freguesia.

Sendo o poder de compra muito escasso, poucos podiam ser os gastos anuais na mercearia. Petróleo para a *luz* e sal, um pouco de farinha de trigo, um pouco de açúcar e alguns *temperos finos* para uma molha de carne de festa eram despesas a contrair com parcimónia.

O calendário agrícola pautava as actividades dos homens da família, ou pelo menos de alguns deles, e pautava a diversidade alimentar da casa, embora a base da alimentação não se alterasse fundamentalmente ao longo do ano. Ter bolo de milho suficiente, na caniçada ou no armário de rede, cada manhã, era uma preocupação da dona de casa. Para isso era preciso

ter milho na barrica e ter trazido do moinho de vento a maquia de farinha ou ter esperado que um dos homens moesse o milho na atafona de boi, era preciso haver lenha acessível para aquecer o forno ou o tijolo, lenha que a maior parte das vezes era trazida à cabeça de longas distâncias pelas mulheres da casa, era preciso ter água no pote e um pouco de farinha de trigo para *mistura*.

A subida ao planalto base da montanha para tirar o leite às vacas era uma constante no caso dos pastores, mas esse esforço diário de caminhadas de quatro a cinco horas trazia fartura à respectiva família: o leite para crianças e velhos, o queijo e o soro, este a ajudar a alimentar o porco.

Matar um porco para ter banha para os usos culinários e algum mimo de mesa era uma exigência a que só os muito pobres não podiam corresponder.

No tempo das batatas brancas, das batatas doces ou da abundância de inhames, poupava-se o bolo de milho, embora este, quando possível, soubesse sempre bem com uma pequena fatia de queijo, em complemento de refeição. Sopa de couves com batatas e feijão, adubada com banha de porco, e *cabeçada* de soro podiam, ao meio-dia e à noite, respectivamente, enganar a apetência pelo *conduto*, pequenas porções de carne ou peixe, luxos alimentares em grande parte das famílias. À ceia, no entanto, era mais

frequente o uso de peixe, havendo quase sempre algum homem da casa a pescar de barco ou de pedra, o uso de produtos da capoeira ou da matança do porco.

Práticas religiosas e de cultura profana não estavam arredadas do quotidiano da freguesia. Desde pelo menos os inícios do século XVIII que encontramos com relativa frequência a prática da escrita (AMORIM & CORREIA, 1999: 348), embora o primeiro professor oficial, para o sexo masculino, de que temos conhecimento, só tenha exercido funções após 1867.

Através dos recenseamentos gerais da população, sabemos que em 1950 apenas 14% da população de 9 e mais anos não tinha acesso à leitura e à escrita, contando-se 11% de homens e 17% de mulheres. Considerando que os indivíduos de 70 e mais anos representavam só por si 17% da população, facilmente se depreende da adesão da comunidade à Escola em período em que a frequência da mesma não era obrigatória. A leitura de romances satisfazia um gosto pessoal, mas a apetência pela música, pelo teatro, pela folga, expressava-se em duas instituições culturais da freguesia. Assim, as gerações nascidas entre 1930 e 1959 já encontraram nos seus pais a prática da leitura e da escrita, tendo, na sua maioria, rapazes e raparigas, acesso a um diploma da quarta classe do ensino primário em tempo

regular, embora sem acesso fácil a outros graus de ensino. Repare-se que o Externato da Vila das Lajes, conhecido ao qual pertence S. João, começou a funcionar apenas no ano lectivo de 1977/78.

Será interessante calcular para as gerações consideradas como evoluiu o acesso à escolaridade secundária ou superior. No entanto, dos 611 indivíduos nascidos na freguesia no período, alguns deles não sobreviveram à

adolescência, sobre outros não conseguimos acompanhar o percurso de vida. No QUADRO I contabilizamos os *observados*, aqueles sobre os quais temos informação posterior ao nascimento e que sobreviveram aos 15 anos de idade.

Das gerações nascidas na década de 1930, apenas três rapazes lograram prosseguir os estudos logo após a instrução primária. Dois deles eram filhos de antigos emigrantes, e o ter-

QUADRO I  
INDIVÍDUOS OBSERVADOS DAS GERAÇÕES 1930-1959

Décadas	Sexo Masculino				Sexo Feminino			
	(1)	(2)	(3)	(4)	(1)	(2)	(3)	(4)
1930	84	8	2	74	78	3	4	71
1940	102	5	—	97	113	8	—	105
1950	121	13	2	106	113	10	6	97
Totais	307	26	4	277	304	21	10	273

- (1) Nascidos
- (2) Faleceram antes dos 15 anos
- (3) Não acompanhámos o percurso de vida
- (4) Observados

QUADRO II  
INDIVÍDUOS COM ACESSO À ESCOLARIDADE SECUNDÁRIA

Décadas	Sexo Masculino			Sexo Feminino			Sexos reunidos		
	Obs.	C/acesso	%	Obs.	C/acesso	%	Obs.	C/acesso	%
1930	74	9	12	71	7	10	145	16	11
1940	97	26	27	105	27	26	202	53	26
1950	106	24	23	97	26	27	203	50	25
Totais	277	59	21	273	60	22	550	119	22

ceiro era filho de um empreiteiro de obras públicas. Dos nascidos nos 5 anos seguintes, apenas duas raparigas prosseguiram imediatamente os estudos. Uma era filha de um carpinteiro, também dono de um moinho, e a segunda era filha de um agricultor, pequeno proprietário rural.

Um dos rapazes foi militar, outro professor primário e o terceiro regente agrícola. No caso das raparigas, uma foi para os Estados Unidos e aí tirou um curso superior, a outra tirou o curso de professora primária na Horta, depois foi trabalhar e estudar para o Continente e foi professora universitária.

Enquanto os rapazes logo após a instrução primária foram para a Horta frequentar o Liceu, as raparigas foram preparadas para o primeiro ciclo por um competente professor primário que leccionava na freguesia, indo fazer o respectivo exame ao Faial. Embora não fosse fácil para uma e outra família pagar ao explicador do 1.º ciclo, a frequência do 2.º ciclo na Horta trazia muitos outros problemas. Não havia dinheiro para pagar propinas e hospedagem, livros e outros gastos. Num dos casos a opção seguida foi deslocar a mãe e as duas filhas e alugar uma pequena casa, tentando equilibrar o orçamento com os cabazes que o pai mandava do Pico. No outro caso toda a família se deslocou, pelo menos temporariamente, comprou-se

uma casa com dinheiro emprestado, hospedando aí outras estudantes da freguesia, arrendou-se uma terra, deslocou-se uma vaca, criou-se porco e galinhas, para que o equilíbrio alimentar estivesse assegurado. Os trabalhos das vinhas exigiam nas épocas próprias a presença do pai no Pico e de lá ele enviava os cabazes com as frutas, os inhames e os queijos.

No entanto, além dos 3 casos referidos, mais 6 rapazes e 7 raparigas das gerações da década de 1930, filhos de pequenos proprietários a viver na margem da subsistência, conseguiram, com maior ou menor desfasamento, diplomas de escolaridade secundária. Foram diversificadas as estratégias seguidas. Um caminho tentado foi, no caso das raparigas, fazer um exame para regente escolar e depois ir estudando na medida das possibilidades. No caso dos rapazes, a saída do serviço militar era a viragem esperada: com uma caderneta limpa, podia-se concorrer para guarda-fiscal ou para polícia de segurança pública numa cidade, trabalhar e estudar, ou, com algum dinheiro emprestado, perseguir o objectivo.

A entreajuda familiar e vicinal foi determinante. Um caso exemplar foi o de uma jovem que, depois de ter, na adolescência, ajudado a família com o dinheiro das rendas artísticas que aprendeu a fazer, tirou o diploma de regente escolar, exerceu na ilha de

S. Miguel, e depois, para apoiar os irmãos, alugou uma casa na Horta, recebeu hóspedes, tirou ela própria o curso do liceu num explicador e depois o curso de professora primária, apoiando ao mesmo tempo os estudos de dois irmãos mais novos. Depois de formada, foi exercer novamente para S. Miguel, com o irmão que se seguia em idade, que entretanto tinha também tirado o curso do Magistério Primário, e aí ambos deram explicações particulares em todos os tempos livres para mandar os dois irmãos mais novos, um para Coimbra tirar o curso de Medicina e outro para Santarém tirar o curso de Regente Agrícola. Depois desse esforço enorme para valorizar a família, a professora primária matriculou-se na Universidade, tirou o curso de História e profissionalizou-se no ensino secundário. Não é de desprezar o número de indivíduos dessas gerações, nascidos em S. João, que acederam a um curso superior ou atingiram uma alta patente

militar. Encontramos quatro casos nas gerações da década de 1930, três homens (um deles falecido antes de terminar o curso de engenheiro) e uma mulher; oito casos nas gerações da década de 1940, sendo 3 homens e 5 mulheres; e 5 casos nas gerações de 1950, todos do sexo masculino. Nos dois últimos grupos de gerações contaram-se 3 professores universitários, tendo já atingido ou estando a atingir o topo da carreira.

Se a procura de uma escolaridade secundária levou à saída definitiva de muitos jovens para outras ilhas dos Açores ou para o Continente, a abertura de uma nova fase de emigração para os Estados Unidos nos finais da década de 1950, na sequência da crise provocada pelo vulcão dos Capelinhos, e a nova atracção para o Canadá comprometeram ainda mais os níveis de população jovem em S. João. Calculámos os que desenvolveram o seu período de trabalho activo na freguesia.

QUADRO III

INDIVÍDUOS QUE FICARAM NA FREGUESIA PROFISSIONALMENTE ACTIVOS

Décadas	Sexo Masculino			Sexo Feminino			Sexos reunidos		
	Obs.	Ficaram	%	Obs.	Ficaram	%	Obs.	Ficaram	%
1930	74	23	31	71	28	39	145	51	35
1940	97	28	29	105	27	26	202	55	27
1950	106	47	44	97	25	26	203	72	35
Totais	277	98	35	273	80	29	550	178	32

Pouco mais de 30% dos indivíduos nascidos em S. João entre 1930 e 1959, e que sobreviveram aos 15 anos, viveram na freguesia profissionalmente activos (QUADRO III). As gerações mais afectadas pela diáspora foram as nascidas na década de 1940, embora os comportamentos sejam diversificados segundo o sexo. Enquanto nas gerações de 1930 foram os homens que mais saíram, nas gerações seguintes dá-se uma inversão de posições, particularmente mais vincada para os nascidos na última década em observação.

Saiu-se para outras freguesias do Pico, para outras ilhas dos Açores, para o Continente e para África antes da descolonização. Os destinos no estrangeiro foram predominantemente os Estados Unidos da América e o Canadá.

No QUADRO IV contamos o número de indivíduos que emigram para os Estados Unidos e para o Canadá, agrupando em *outros* destinos o que se movimentaram em território nacional.

Pela observação dos QUADROS IV e V verificamos que mais de 50% dos indivíduos das gerações consideradas

QUADRO IV

## INDIVÍDUOS QUE EMIGRARAM

Décadas	Sexo Masculino				Sexo Feminino				Sexos reunidos			
	E.U.A.	Canadá	Outros	Total	E.U.A.	Canadá	Outros	Total	E.U.A.	Canadá	Outros	Total
1930	14	15	22	51	7	18	18	43	21	33	40	94
1940	16	14	39	69	29	17	32	78	45	31	71	147
1950	22	13	24	59	20	17	35	72	42	30	59	131
Totais	52	42	85	179	56	52	85	193	108	94	170	372

QUADRO V

## INDIVÍDUOS QUE EMIGRARAM

% EM RELAÇÃO AO TOTAL DE INDIVÍDUOS QUE SAÍRAM

Décadas	Sexo Masculino			Sexo Feminino			Sexos reunidos		
	E.U.A.	Canadá	Outros	E.U.A.	Canadá	Outros	E.U.A.	Canadá	Outros
1930	28	29	43	16	42	42	22	35	43
1940	23	20	57	37	22	41	31	21	48
1950	37	22	41	28	24	48	32	23	45
Totais	29	23	48	29	27	44	29	25	46

que saíram de S. João emigraram para os Estados Unidos ou para o Canadá, mais para o primeiro destino do que para o segundo.

Decorrente do maior acesso à escolaridade secundária, as gerações nascidas na década de 1940 foram aquelas que menos emigraram, conseguindo emprego em centros urbanos dos Açores ou do Continente.

Retorno temporário ou definitivo por parte dos emigrantes começa a ser hoje significativo. O conforto do mundo moderno não se arredou de S. João. A qualidade de vida e a beleza natural são cada vez mais atractivas.

As gerações de 1930-1959 sentiram necessidade de mostrar aos mais novos e aos turistas passantes o modo de vida que conheceram e já se perdeu. Uma casa tradicional recreada, *A Casa do Pico*, é um testemunho dos filhos de S. João que querem *recordar aqueles que correntes de lava enquadraram entre dois mistérios, que furaram poços por uma maré de água salobra, que abriram veredas, canadas e um caminho, que partiram e repartiram espaços, que tornaram produtivos todos esses espaços, do mar à serra, que tiraram da serra a sua identidade de povo de pastores*<sup>3</sup>.

## BIBLIOGRAFIA

- AMORIM, M. N. (1992), *Evolução Demográfica de três Paróquias do Sul do Pico*. Braga, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.
- AMORIM, M. N. & CORREIA, A. (1999), *Francisca Catarina (1846-1940). Vida e Raízes*

*em S. João do Pico (Biografia, Genealogia e Estudo de Comunidade)*. Guimarães, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, Núcleo de Estudos de População e Sociedade.

---

<sup>3</sup> Texto que se escreveu numa placa junto ao monumento aos pastores.